

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM A PARTIR DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DISPONÍVEIS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Danielle Patricia Nascimento Galdino¹, Helena Cristina Pimentel do Vale², Luis Paulo Leopoldo Mercado³, Emmanuele Maria Correia Costa⁴

¹Universidade Federal de Alagoas/CEDU/danigaldino21@gmail.com

²Universidade Federal de Alagoas/CEDU/hcpimentel@uol.com.br

³Universidade Federal de Alagoas/CIED/luispaulomercado@gmail.com

⁴Universidade Federal de Alagoas/CEDU/emmanuele.correia@gmail.com

Resumo – *Este artigo insere-se no quadro de análises acerca da avaliação da aprendizagem na Educação à Distância (EAD), buscando compreender a visão dos alunos de um Curso de Pós-Graduação stricto sensu de uma instituição de ensino superior da região Nordeste do Brasil, atuais e futuros professores, quanto à relevância do material didático na avaliação da aprendizagem na EAD. Para tanto, foram disponibilizados textos e vídeos sobre o assunto. Esse estudo é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, cuja coleta de dados se deu por questionamentos propostos na interface fórum, no ambiente virtual de aprendizagem Moodle, de uma turma formada por 16 alunos. Evidenciou-se que a avaliação da aprendizagem se dá por meio de discussões e reflexões levantadas com base no material didático disponibilizados nos cursos, e que a maneira como esse é elaborado, suas características e qualidade influenciam diretamente no processo de ensino aprendizagem, tornando-o um dos principais pilares de sustentação de cursos e programas na EAD. Revela ainda que essa avaliação deve ser feita de modo processual, levando em consideração o aprendizado do aluno durante todo o processo. Pontos abordados: novo perfil do professor universitário, material didático para EAD e a avaliação da aprendizagem.*

Palavras-chave: *Educação a Distância. Material Didático. Avaliação da Aprendizagem. Biblioteca Digital.*

Abstract – *This article falls within the framework of analysis about the learning evaluation in distance education (EAD), seeking to understand the students' vision of a postgraduate course in the strict sense of an institution of higher education in the Northeast region of Brazil, current and future teachers, regarding the relevance of teaching materials on learning evaluation in ODL. For this purpose, were made available texts and videos on the subject. This study is a qualitative research of descriptive character, whose collection of data gathered by questions proposed in the Forum interface, the virtual learning environment Moodle, a gang formed by 16 students. It was evidenced that the evaluation of the learning takes place through discussions and reflections raised based on the didactic material made available in the courses, and that the way this is designed, its features and quality influence directly in the teaching learning process, making it one of the main pillars of support in E-LEARNING courses and programs. Reveals that this assessment must be*

made of procedural mode, taking into account the student's learning throughout the process. Points addressed: new profile of a University professor, teaching materials for E-LEARNING and learning assessment.

Keywords:Distance education. Didactic Material.Learning evaluation.Digital Library.

1. Introdução

O mundo e a sociedade vivem em constantes transformações, uma delas é a de cunho tecnológico. Kipnis (2009), Mill (2010) e Schlemmer (2010) asseguram que na Sociedade do Conhecimento o centro das atenções é a educação e o acesso a informação. Conhecer e dominar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) é de grande importância para qualquer indivíduo, por exercer um relevante papel tanto na produção de riqueza como na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos mesmos.

As significativas inovações tecnológicas têm provocado mudanças consideráveis nas instituições educacionais, principalmente as que trabalham com EAD e formação de nível superior, são intensamente influenciadas pelo impacto causado pelas TDIC. Essas modificações, cada vez mais visíveis, repercutem diretamente no papel do professor universitário que precisa acompanhá-las para não ficar às margens do processo (RAMOS, 2010).

Nesse novo cenário, o aluno deixa de ser um mero receptor de informações e passa a participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, em contato com diversos saberes, exigindo do professor um modo inovador de ensinar, aprender e avaliar. Na visão de Luckesi (2011, a e b) para acompanhar essa demanda, o professor deve rever suas práticas tradicionais da aula expositiva, nas quais é o detentor do saber, a partir da incorporação de novas metodologias que valorizem a construção do conhecimento do aluno e a avaliação qualitativa da aprendizagem.

Nesse contexto, este artigo tem como foco compreender a visão dos mestrandos e doutorandos de um curso de pós-graduação *stricto sensu* de uma instituição de ensino superior (IES) da região Nordeste do Brasil, atuais e futuros professores, quanto à relevância do

material didático na avaliação da aprendizagem dos alunos, principalmente aqueles pertencentes à EAD, analisando o modo como se dá o processo de ensino aprendizagem nos Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para proporcionar o conhecimento significativo.

2. O novo perfil do professor universitário

As constantes mudanças vivenciadas desde meados do século XX, impõem as IES uma redefinição no campo do ensino superior para não se submeter ao

modelo gerencialista do mercado e manter-se como lugar privilegiado de produção e transmissão do conhecimento. Entre outros elementos, a docência é convocada a ficar na linha de frente dessa batalha. O novo modelo educacional para atender as exigências do mundo globalizado, requer a reconceitualização da profissão docente (RAMOS, 2010).

Antes dessas transformações, a formação inicial (graduação) e o conhecimento disciplinar eram os únicos requisitos necessários para se estar apto ao ensino. Na Sociedade do Conhecimento, além desses requisitos, educar requer seriedade, comprometimento, clareza dos objetivos almejados e conhecimento e habilidade no uso das TDIC. Como assegura Ramos (2010), “[...] requer uma reconfiguração de saberes e fazeres no contexto da docência universitária”. Mesmo que o professor permaneça utilizando recursos tradicionais e suas “velhas” práticas para alcançar os objetivos almejados, como ressalta Belloni (2002), os alunos “estão em outra” e buscam uma nova relação com as instituições educacionais. Para Mauri e Onrubia (2010) as TDIC representam uma nova cultura de aprendizagem, devendo o professorado aprender a dominá-las e a valorizá-las.

O advento das TDIC repercute diretamente na educação, trazendo para sala de aula a possibilidade de utilização de diversas tecnologias para explorar os conteúdos e tornar as aulas mais interessantes e criativas, assim como a responsabilidade de formar cidadãos conectados, educacionalmente “informatizados” e capazes de atender as exigências da globalização. Para Mauri e Onrubia (2010), na sociedade do conhecimento, o que os alunos precisam obter da educação não é, necessariamente, a informação, mas sim a capacidade de organizar e atribuir significado e sentido a esta, de aprender a conviver com a relatividade das teorias e com a incerteza do conhecimento para saber formar sua própria visão de mundo fundamentado em critérios relevantes, diante das complexidades presentes.

O novo perfil do docente universitário demanda atributos que propiciem a formação de profissionais capazes de trabalhar positivamente com o dinamismo e as rápidas transformações dessa sociedade, seja ele em caráter econômico, político, cultural ou de base tecnológica, com disposição para aprender a aprender em um processo continuado de construção e reconstrução do conhecimento, da didática, dos conteúdos, da avaliação, do incremento das práticas docente e utilização adequada das TDIC para que esta possa suprir as necessidades do aluno, estimulando-o na construção de uma aprendizagem transformadora, capaz de formar profissionais criativos, com posicionamento críticos e reflexivos, pois a incorporação e uso das TDIC na educação, possibilita que o aluno construa conhecimento e entenda o que faz, desenvolvendo habilidades necessárias para atuar na sociedade do conhecimento. Como afirma Moran (2007), para alcançar o estado da arte “na arte” de professorar é preciso evitar os modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes, e proporcionar aos alunos uma educação transformadora, estimulante, provocativa, instigadora,

dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino.

Os atuais modos de aprender e interagir com TDIC demandam métodos de ensino e avaliação inovadores, revisão das metodologias e da técnica de professorar. Para trabalhar com eficiência e eficácia em busca de uma educação transformadora, o professor precisa ter “fluência” na tecnologia para poder inovar, vedando reproduções de antigas práticas com uso de “novas” tecnologias (SCHLEMMER, 2010), e está susceptível a rever seus critérios de avaliação da aprendizagem.

Para inovar, o professor deve se apropriar das possibilidades tecnológicas compreendendo-as para aplicá-las em suas aulas com novas metodologias, práticas e processos de avaliação e mediação pedagógica para realmente construir inovação educacional. Caso contrário, fala-se apenas em novidade, pois as tecnologias digitais por si só não constituem inovação.

A aprendizagem acontece na interação do sujeito com o objeto de conhecimento, o simples fato de se utilizar de uma novidade tecnológica não significa inovar na educação. O profissional docente deve se apropriar das possibilidades tecnológicas compreendendo-as para aplicá-las em suas aulas, com novas metodologias, práticas e processos de avaliação e mediação pedagógica para realmente construir inovação educacional. Caso contrário, fala-se apenas em novidade, pois as tecnologias digitais por si só não constituem inovação.

Para Mill (2010), a inovação tecnológica pode induzir novas formas de ensinar, aprender e avaliar, mas só significará inovação pedagógica se houver mudanças também na ideia do que seja estudar, ensinar e gerenciar processos educativos se houver modificações na concepção pedagógica para posteriormente mudar as escolhas tecnológicas que apoiarão as novas práticas de ensino e aprendizagem.

Masetto (2012) assegura que as TDIC na educação, com o uso de variadas técnicas, proporcionam o desenvolvimento de diversas facetas no aluno, provocam a curiosidade e os instigam a buscar, por iniciativas próprias, as informações necessárias para elucidar fenômenos da vida profissional ou resolver determinados problemas. Segundo o autor, para os professores, essa variação na metodologia é vantajosa por tornar o curso mais dinâmico, desafiador, na medida em que são exigidas renovação, informação sobre estratégias, flexibilidade e criatividade. Só a tecnologia moderna não resolve os problemas educacionais de aprendizagem e formação, ela é muito importante se for utilizada como instrumento colaborativos das atividades de aprendizagem com professores capacitados, com atitude mais ativa, critérios avaliação qualitativa e intervenção dinâmica no campo das estratégias.

3. Material didático para EAD

O acelerado incremento das TDIC e a união destas com a internet

contribuem significativamente para o desenvolvimento da educação, com avanços que demandam uma nova postura de alunos e professores, permitem a produção de materiais didáticos interessantes e o uso de estratégias didáticas instigantes.

Para Fiscarelli (2008), material didático são todos os materiais que o professor possa usar em sala de aula, desde o giz, a lousa, o livro didático até os materiais mais modernos, eletrônicos e computacionais. Os materiais didáticos são aqueles associados a situações de ensino aprendizagem e, por isso possuem características específicas na apresentação dos conteúdos. Segundo Goldberg (1983), o material didático deve ser entendido de modo amplo e contextualizado como “um modelo de atuação pedagógica”, inserido social e politicamente.

Belisário (2003) afirma que a produção do material instrucional é uma das preocupações mais relevantes no desenvolvimento de programas e cursos de EAD. Existem muitas similaridades entre os materiais didáticos elaborados para o ensino presencial e os construídos para EAD; há muito mais convergências entre eles do que diferenças (POSSOLLI; CURY, 2009). Como a EAD tem características próprias, os programas e cursos ofertados nessa modalidade exigem administração, desenho, lógica, linguagem, acompanhamento, avaliação, recursos pedagógicos, técnicos, tecnológicos próprios, e não mera transposição do presencial como acontece muitas vezes devido a falta de capacitação adequada do professor, dificultando consideravelmente a aprendizagem do aluno.

Preti (2010) defende a elaboração do material didático estruturado em forma de diálogo, com estilo pessoal, apresentando o tema de maneira compreensível para o aluno, envolvendo-o emocionalmente e garantindo motivação e aprendizagem. Pereira e Pinto (2010) asseguram que, planejar o material didático de programas ou cursos de EAD é refletir acerca das pretensões e de uma construção didática nesse modelo, uma vez que o desenho das aulas virtuais, a harmonia entre os conteúdos e utilização das mídias, juntamente com as possibilidades de navegação e interatividade requer um planejamento coerente, articulado, equilibrado e inteligível por parte dos autores, permitindo ao aluno real interação.

Conforme os referenciais para elaboração de material didático (MEC, 2007), a produção desse material deve resultar de uma construção coletiva para o processo educativo, ordenado e ininterrupto, valendo-se de ferramenta de comunicação na intervenção entre professor, tutor e aluno. Para isso, apresenta algumas características como: identificação de demandas; levantamento do perfil do público-alvo; potencialidades e limitações das linguagens de cada uma das mídias; infraestrutura para o desenvolvimento de cursos; definição clara de objetivos gerais e específicos da aprendizagem; desenvolvimento da afetividade, por meio de motivação e incentivo; parcerias na produção do material didático; conservação do material didático produzido em um repositório para ser alimentado pelas instituições de ensino; e a integração das diversas mídias, buscando a complementariedade.

Na EAD, as “aulas” estão organizadas dentro do AVA, espaço pedagógico que deve desenvolver habilidades e competências específicas, recorrendo a um conjunto

de mídias compatíveis com a proposta e contexto socioeconômico do público alvo. Para Moore e Kearsley (2007), esses materiais devem ser elaborados por especialistas que saibam como fazer o melhor uso da tecnologia disponível, pois todo trabalho didático está sujeito à forma como o professor da disciplina e os tutores a distância irão interagir, interpretar e compartilhar conhecimentos, usando as TDIC como suporte principal. No ciberespaço (LÉVY, 1999) ocorre o maior número de atividades e interações responsáveis pela aprendizagem do aluno e onde estão disponibilizados os materiais instrucionais do curso.

A equipe pedagógica precisa ter habilidade no uso das TDIC, conteúdos e atividades propostas na disciplina, bem como consciência das fragilidades que a EAD e as TDIC podem apresentar em alguns momentos, devido à distância geográfica dos alunos. Para Antonio (2011), as dificuldades apresentadas em cursos dessa modalidade podem ser vencidas se professores e tutores interagirem permanentemente com os alunos, utilizando os recursos tecnológicos como e-mails, ferramentas do AVA (fóruns, tarefas, glossário, wiki), mensagens, blogs e redes sociais, por exemplo. Caso contrário, poderá acarretar bloqueios e desestímulo na realização das atividades, desencadeando atrasos nas postagens, e a consequente evasão. Por este motivo, o material didático para EAD deve ser organizado de maneira a permitir aos participantes desse processo, principalmente aos alunos, compreender e internalizar o desenvolvimento das ideias e assimilar os conhecimentos por partes para se atingir uma aprendizagem significativa e, conseqüentemente, resultados satisfatórios.

Atentando para um dos pontos do referencial para elaboração de material didático (MEC, 2007), mencionado acima, apresentamos a seguir a biblioteca digital como estratégia de ensino, possibilitando aos alunos a publicação das suas produções e, conseqüentemente, auxiliando na avaliação da aprendizagem.

4. Biblioteca digital como estratégia didática

Historicamente as bibliotecas sempre foram as instituições que armazenaram fisicamente seus acervos para atender aos seus usuários através dos diversos serviços, no entanto o acesso ficava restrito apenas as pessoas que iam até elas. Segundo Morigi e Souto (2005), na história as bibliotecas passaram por diversas transformações e, paulatinamente, foram consolidando-se junto à sociedade.

Com o passar do tempo, as bibliotecas ganharam autonomia e tornaram-se importantes, evoluindo conforme as mudanças de pensamento, do fazer e das relações sociais. Existe uma relação natural entre as bibliotecas e os projetos pedagógicos das IES; as bibliotecas são percebidas como o “coração” das IES, essa mesma tese é frequentemente defendida pelos membros das Comissões Avaliadoras de Cursos do INEP/MEC. O principal papel das bibliotecas é dar suporte e complementação aos processos de ensino e aprendizagem disponibilizando a bibliografia básica e complementar indicada nas disciplinas dos cursos superiores. Nas universidades as bibliotecas são detentoras e disseminadoras dos

conhecimentos gerados por elas, apoiando o ensino, pesquisa e extensão e, conseqüentemente, ao desenvolvimento social e humano do país. Portanto, “uma medida de qualidade de uma instituição de ensino superior é a excelência de sua biblioteca” (MILANESI, 1995, p. 72).

Com o advento da Internet, novos sistemas e fontes de informação têm sido criados, conduzindo o usuário em um novo contexto de busca por informação. Diante disso, profissionais da Ciência da Informação e da Ciência da Computação têm pesquisado sobre a interação dos usuários com os sistemas disponibilizados nesse novo ambiente. Nesse contexto, as bibliotecas digitais tornaram-se um instrumento forte de distribuição, cooperação e acesso ao conhecimento, podendo atuar como bases agregadoras a qualquer comunidade que necessita da informação.

Vive-se hoje numa era global e informacional, no qual a importância de bibliotecas digitais, num país como o Brasil, é de fundamental importância porque as bibliotecas ganham uma nova dimensão: deixam de ser apenas um espaço físico e passam a ser um novo espaço – o ciberespaço na visão de Ohira e Prado (2002). Marcondes e Sayão (2001) reforçam a criação desse novo ambiente de acesso e disseminação do conhecimento em escala global, viabilizado pela convergência das TDIC.

Um dos enfoques desse artigo são as bibliotecas digitais como estratégia didática para EAD dando suporte aos professores, tutores e alunos. Vive-se hoje num momento no qual uma enorme quantidade de informações e uma diversidade crescente de mídia cercam e fascinam os indivíduos. A sociedade está vivendo um período em que a tecnologia tem se associado às atividades diárias de trabalho, estudo, lazer, possibilitando que o fazer humano seja ampliado pelo uso das máquinas, havendo um redimensionamento social neste contexto (BAX, 1997).

Arms (2000) e outros pesquisadores na literatura da Ciência da Informação apontam diversos conceitos de biblioteca digital, mas todos mencionam características similares e algumas ideias em comum, especialmente o fato de a informação ser armazenada em formato digital e estar acessível através de uma rede.

Para Lima e Souza (2010) o conceito de biblioteca digital compreende um ambiente informacional digital que deve incluir produtos e serviços relevantes para seus usuários, mantendo uma equipe multidisciplinar de especialistas. Nesse sentido as bibliotecas estão, atualmente, em um processo de inovação tecnológica que muda toda a rotina dos serviços oferecidos aos seus usuários e abrange desde a organização até a difusão da informação. As bibliotecas digitais disponibilizam o acesso a um grande número de acervos digitais proporcionando aos professores, alunos e pesquisadores de graduação e pós-graduação a possibilidade de incrementar a produção científica e estimular novas produções (BERTAGNOLLI et al., 2007).

Nesse contexto é necessário, enfatizar o uso das TDIC no processo de EAD e evidenciar, os modelos pedagógicos conhecidos que vigoram na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na qual as bibliotecas são consideradas obrigatórias nos Planos de Desenvolvimento de Instituições de ensino, em todos os níveis da educação, que compreende desde o infantil ao superior. Nesse cenário, as bibliotecas são de fundamental importância para o andamento e desenvolvimento dos estudos, na aquisição do conhecimento e cultura dando suporte aos estudantes e professores.

Na sociedade do conhecimento, marcada pelas TDIC, as bibliotecas têm desempenhado papel não apenas de guardar, mas também de disseminar a informação. Existe uma discussão sobre a conceituação das bibliotecas na EAD - biblioteca digital, biblioteca virtual, biblioteca polimídia, ou portais digitais. Essas discussões ainda vão prolongar-se, porém a importância dessas bibliotecas como recurso informacional indispensável à EAD. Neste artigo optou-se pelo termo bibliotecas digitais para destacar a sua importância pedagógica no ensino a distância. Para Bax (1997, p. 1) “as bibliotecas digitais são entidades capazes de vencer as limitações naturais, espaço - temporais, impostas a objetos físicos (livros, estantes, salas, prédios), permitindo novas práticas de trabalho e oportunidades”.

As bibliotecas digitais permitem novas práticas no desenvolvimento das pesquisas dos trabalhos acadêmicos remotos e colaborativos, na avaliação qualitativa da aprendizagem e na educação quer seja no ensino presencial ou na EAD. De acordo com Birmingham (1995, p. 1), as bibliotecas digitais têm o potencial para:

Prover informação a qualquer hora e a partir de qualquer lugar; prover acesso a coleções de informações multimídia, construídas a partir de texto, imagem, gráficos, áudio, vídeo; dar suporte de forma mais amigável ao usuário, através da personalização do acesso à informação e proteção contra o excesso de informação; ser o centro das tecnologias que melhorarão radicalmente as atividades intelectuais, colaborativas e pesquisa, aprendizado e concepção, reduzindo as barreiras de distância geográficas e de tempo entre as pessoas.

Um dos pontos do referencial para elaboração de material didático (MEC, 2007) é o armazenamento e a conservação do material produzido num repositório para ser alimentado pelas instituições de ensino. Apresentamos as bibliotecas digitais como estratégia didática para EAD, capaz de dar suporte aos professores, tutores e alunos no processo de avaliação da aprendizagem, por incrementar a produção científica, estimular novos trabalhos acadêmicos e permitir a publicação destes em coletâneas organizadas pelo corpo docente, visto que a produção de determinado conteúdo requer, dentre outras características, tempo, dedicação, estudo, pesquisa e conhecimento por parte do autor, propiciando a construção significativa do saber no processo de avaliação qualitativa da aprendizagem.

5. Avaliação da aprendizagem

Na Sociedade do Conhecimento, o centro das atenções é a educação e o acesso à informação. Nesse cenário, o foco é o aluno, o que torna a avaliação da aprendizagem, um ponto de discussão relevante e bastante debatido. O ato de examinar se caracteriza pela classificação e seleção dos alunos, sua função é de sustentar a aprovação ou reprovação, não existe a preocupação com a aprendizagem, apenas com a demonstração dos que aprenderam e dos que não aprenderam. Essa prática centra-se no “tirar nota” e não no “aprender”, investe apenas no produto, no resultado final, pois a pedagogia baseada no exame se contenta com a classificação e atribui aos alunos a responsabilidade pelo resultado obtido, independente de ser satisfatório ou não.

Já o ato de avaliar tem como função averiguar a qualidade do desempenho do aluno, com o escopo de proceder, caso necessário, intervenções para a melhoria dos resultados. A avaliação é diagnóstica, gera conhecimento sobre o estado de aprendizagem do aluno, apontando tanto o que foi aprendido quanto o que ainda não foi aprendido, indicando a necessidade de reorientação, pois a pedagogia sustentada por essa prática não se contenta com qualquer resultado, mas apenas com aqueles satisfatórios, subsidiando sempre sua melhoria. Luckesi (2011b, p. 29) afirma que, para o sistema de educação o interessante não é a reprovação dos alunos, mas sim a sua aprendizagem e, por ter aprendido, ele seja aprovado, pois todo investimento aplicado nesse sistema é para que este aprenda e a avaliação está a serviço dessa tarefa.

A avaliação da aprendizagem deve ser processual e envolver os alunos na definição dos critérios avaliativos. Deve trabalhar a formação e a avaliação articuladas no processo de valorização do erro para correção, reflexão e construção do conhecimento (LUCKESI, 2011). Portanto, não deve ser praticada isoladamente, sob o risco de perder sua dimensão pedagógica e passar a ser seletiva, à semelhança de exames. Luckesi (2011) afirma que se a avaliação não adotar a forma diagnóstica, não poderá estar a serviço da proposta político-social – “estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva” – e permanecerá sendo empregada de forma classificatória, inviabilizando tomadas de decisão em função da construção dos resultados esperados. Até os dias atuais, a avaliação da aprendizagem tem sido executada como se existisse independente do projeto pedagógico e do processo de ensino, destinando-se unicamente a atribuição de nota e conceitos aos alunos, caracterizando assim, um desvio da sua efetiva função de mecanismo a serviço da construção do melhor resultado.

A avaliação e o acompanhamento da aprendizagem devem iniciar com a definição dos projetos educacionais, seus objetivos e expectativas de ensino tanto na modalidade presencial como a distância. Na EAD, essa avaliação se dá, na maioria das vezes, por meio das interações dos alunos nas discussões abertas nas interfaces como fóruns e tarefas, por exemplo, tomando como base o material didático disponibilizado no AVA. Nesse ambiente de ensino, assim como no presencial, percebe-se que mesmo diante de tantas mudanças e novas exigências,

predomina ainda a preocupação pelo resultado final e não pela aprendizagem propriamente dita.

Kenski (2010) assegura que no processo educacional tudo deve ser acompanhado e avaliado, não apenas a aprendizagem dos alunos, como também a seleção dos conteúdos pedagógico dos AVA e materiais didáticos desenvolvidos, o desempenho dos professores e tutores que acompanham e avaliam os alunos, para a obtenção de resultados positivos e satisfatórios. Em muitos casos, o fracasso na aprendizagem dos alunos é resultante do descuido ou inadequação de um desses aspectos e não propriamente do esforço deles. Uma mídia inadequada, um conteúdo defasado ou professores e tutores incompetentes podem fazer grandes estragos. Portanto, é importante o professor ter fluência no uso das TDIC para interagir melhor com seus alunos e produzir material didático interessante e capaz de “prender” a atenção desses, assim como fazer uso de estratégias didáticas que valorizem a capacidade dos mesmos, incentivando-os e despertando a curiosidade e o interesse pela pesquisa.

Para atender as colocações acima, caracterizando um trabalho docente crítico e construtivo a serviço do desenvolvimento do aluno, quanto as suas capacidades cognitivas e suas convicções, Luckesi (2011) afirma que o professor precisa aprender a avaliar e investir na “aprendizagem da avaliação”. Para esse autor a referida prática pode ser aprendida se o sujeito estiver disposto a aprendê-la, se observar seu nível de satisfação com os resultados obtidos por seus alunos, decorrentes de sua ação pedagógica; e se ponderar sua prática docente e avaliativa. A compreensão e a experiência do outro podem ser um forte aliado na busca pela aprendizagem do ato de avaliar, pois esta é uma tarefa que está diante de todos e só quem deseja efetivamente aprender, aprende.

6. Percurso metodológico

Este estudo é resultante de uma pesquisa qualitativa, que conforme Creswell (2007), é interpretativa e possui caráter descritivo, cuja coleta de dados se deu por questionamentos propostos na interface fórum, no AVA Moodle, de uma turma formada por um montante de 16 alunos, entre mestrandos e doutorandos do curso de pós-graduação *stricto sensu* de uma IES da região Nordeste do Brasil.

Para subsidiar essa discussão, foram disponibilizados dois textos, um sobre a elaboração do material didático para EAD, outro sobre bibliotecas digitais integradas ao AVA, e um vídeo acerca da avaliação da aprendizagem, enfatizando a diferença entre avaliar e examinar. Nessa pesquisa, a atenção voltou-se para uma situação em particular, a avaliação da aprendizagem a partir do material didático disponível nos AVA, na ótica dos sujeitos da pesquisa.

Os enfoques exploratórios, conforme Gil (2002) tem como principal objetivo o aprimoramento das ideias; e descritivos, cuja característica mais relevante é o uso do questionário para coleta de dados foram aplicados na perspectiva de se manter aberto a descobertas e entender a pluralidade de dimensões presentes no tema

pesquisado.

Com o intento de analisar a avaliação da aprendizagem, no contexto do material didático disponíveis nos AVA, foi aberta uma discussão na interface fórum do ambiente de uma turma 2013.1 do curso, composta por 16 alunos, dos quais 14 participaram do fórum.

Com base nesse material disponibilizado no AVA, foram propostos os seguintes questionamentos: Como é o processo de ensino no AVA e qual o papel do professor nele? Qual a relevância do material didático na avaliação da aprendizagem do aluno? Segundo Ohira e Prado (2002), “[...] a biblioteca ganha nova dimensão: deixa de ser somente um espaço físico e ganha um novo espaço – o ciberespaço.” De que forma as bibliotecas digitais proporcionam um apoio real na qualidade do ensino/aprendizagem tanto presencial quanto na EAD? E como avaliar o uso dessa ferramenta por professores e alunos?

A discussão no fórum ficou aberta pelo período de cinco dias, nos quais foram registradas 28 interações. Os participantes concordaram que o processo de ensino/aprendizagem no AVA é repleto de desafios e possibilidades, e é preciso elaborar material didático de qualidade, que possibilitem a construção do conhecimento do aluno para se chegar a resultados satisfatórios, pois a aprendizagem se dá pela interação do sujeito com o material, objeto de estudo e reflexões sobre as discussões levantadas em torno deste. Abaixo estão algumas falas extraídas diretamente do AVA:

[...] processo de ensino no AVA é repleto de desafios e possibilidades.

Vale salientar que o material didático para EAD precisa ser algo prazeroso para o aluno [...].

[...] necessite ainda mais de um direcionamento adequado e de materiais que realmente possibilitem a aprendizagem e que desenvolva no aluno o poder de questionar e pensar.

[...] ainda hoje há muitas críticas dos alunos relacionadas ao material didático de má qualidade.

Concordaram ainda que, na sociedade do conhecimento, o professor também é um gestor e precisa de capacitações adequadas para atingir seus reais objetivos de ensinar, aprender, gerenciar e avaliar qualitativamente a aprendizagem do aluno. Schlemmer (2010) relata que a maioria das capacitações docentes se dá de forma analógica ou tradicional e não digital. Com isso, é muito mais difícil entender como é ensinar e aprender sem está presente no ciberespaço, entendendo suas possibilidades e limitações. Como afirmado pelos alunos:

[...] falta de capacitação dos profissionais docentes para atuar na EAD, ainda não existe uma adequação nessas capacitações [...].

[...] o professor é um profissional que deve estar sempre aberto a novas aprendizagens e reflexões.

[...] o professor deve ser um “professor-gestor”.

Outro ponto de concordância entre os alunos é sobre o ato de examinar,

atualmente presente em todos os níveis de ensino. Na prática, a preocupação das instituições educacionais é com o produto, o resultado final e não com a aprendizagem significativa e transformadora. Apesar de o erro ser considerado por Luckesi (2011) como um meio para se chegar a excelência no ato de ensinar e aprender, o que se presencia é justamente o contrário. Não existe a precaução com o que não foi aprendido, mas apenas com o aprendido. Retratando assim, uma longa estrada a ser percorrida na “aprendizagem da avaliação” para se chegar à avaliação da aprendizagem de forma qualitativa. Como relata os alunos:

[...] se percebe como realmente o processo de avaliação no Brasil ainda precisa de grandes transformações.

[...] a instituição vivencia o exame como produto final do conhecimento.

Quanto ao propósito da biblioteca digital como estratégia didática, mesmo entendendo que esta é parte complementar do material didático e um dos pontos contemplados no referencial para elaboração de material didático (MEC, 2007), apenas um aluno discordou com o uso desta, como instrumento de apoio a qualidade do ensino aprendizagem e incentivo ao aluno para desenvolver pesquisas, os demais concordaram que as bibliotecas digitais possibilitam uma melhor organização das informações, servindo como suporte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino nas IES, assumindo papel relevante na expansão destes (pesquisa e ensino), por disponibilizar o material a qualquer tempo, facilitando pesquisa e o acesso, além de uma maior divulgação dos materiais didáticos e dos trabalhos realizados por professores e alunos.

[...] bibliotecas digitais, proporcionam um apoio para o alcance da qualidade de ensino.

[...] são poderosos elementos a serem incorporados nas estratégias didáticas dos professores, quer no presencial, quer na EAD, e o olhar do professor acompanhando, mediando esse processo, pode avaliar o crescimento do seu aluno, no campo da pesquisa e no desenvolvimento da autoria, entre outras habilidades e competências.

O processo de ensino e aprendizagem no AVA se dá por meio das discussões e reflexões propostas nesse ambiente, com base no material didático disponibilizado, daí a relevância desses na avaliação da aprendizagem, juntamente com as interações entre a tríade professor, tutor e alunos e demais recursos disponíveis. Na sociedade do conhecimento, o professor assume papel chave no processo de ensino aprendizagem, deixando de ser um mero transmissor de conhecimento e passando a ter um papel ainda mais nobre de mediador e organizador desse processo. No entanto, é preciso se ter profissionais capacitados para planejar, executar e gerir seu plano de ensino, assim como para produzir materiais didáticos criativos, interessante e estimulante, além de fazer uso de estratégias didáticas diferenciadas capazes de aprimorar a aprendizagem, induzir os alunos na produção científica, como é o caso da biblioteca digital que disponibiliza ao aluno um acervo de informações e permite a publicação de trabalhos acadêmicos em coletâneas organizadas pelo corpo docente.

7. Considerações finais

Esse artigo discutiu acerca do novo perfil do professor universitário, que diante de tantas mudanças, requer uma reconceitualização da profissão docente (RAMOS, 2010) para atender a exigências do mundo globalizado. Discutiu-se sobre a elaboração do material didático para EAD, as diversas possibilidades de produções criativas, instigantes e estimulantes, proporcionadas pelas TDIC, na busca constante pela construção do conhecimento do aluno, apresentando as bibliotecas digitais como parte complementar desse material, utilizada como estratégia didática capaz de incrementar os estudos, a produção científica e estimular novas produções.

Na discussão sobre a avaliação da aprendizagem, diferenciando o ato de examinar do ato de avaliar, enfatizou-se que no primeiro existe a preocupação com o produto, resultado final e não com a internalização dos conteúdos, enquanto o segundo prima pela qualidade da aprendizagem, preocupando-se tanto com o que foi aprendido quanto o que não foi aprendido, indicando a reorientação até se aprenda, contentando-se apenas com o resultado satisfatório.

Com o objetivo de debater sobre a avaliação da aprendizagem, no contexto do material didático disponíveis nos AVA, foi aberta uma discussão no fórum do AVA da turma 2013.1 do curso de pós-graduação *stricto sensu* de uma IES da região Nordeste do Brasil. Os resultados da análise desse fórum demonstraram que todos os alunos concordam com a grande necessidade de capacitação dos professores referente à definição de novas metodologias de ensinar, aprender e avaliar, assim como, de produzir material didático adequado ao aluno, com o incremento das TDIC.

Concordaram também que na prática, a maioria das IES, tanto na modalidade de ensino presencial quanto na EAD, realizam exames, ato de classificar e selecionar os alunos sem se preocupar com a aprendizagem, e não avaliação da aprendizagem, caracterizada pelo ato de diagnosticar o estado da aprendizagem do aluno, preocupando-se tanto com o que foi aprendido quanto com o que ainda não foi aprendido, contentando-se apenas com resultados satisfatórios. Tornando esse um ponto que requer dos professores a habilidade de aprender a avaliar. Como afirma Luckesi (2011, p. 64), “Deixemos os exames para as situações de exames (concursos); na sala de aula sirvamo-nos da avaliação”, pois na sociedade atual, professorar requer metodologias de avaliação e práticas docentes diferenciadas e voltadas para a aprendizagem do aluno, com profissionais capacitados e capazes de forma cidadãos criativos, com posicionamento crítico, reflexivos e educacionalmente “informatizados” para atuar no mundo globalizado.

Referências

ANTONIO, W. A. A influência das TIC no curso de licenciatura em pedagogia da UAB/UFAL. *Revista EPaPECI: Educação a distância e práticas educativas Comunicacionais e Interculturais*, São Cristóvão, v. 8, n. 8, p. 78-88, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/663/564>>. Acesso: 24 set. 2013.

ARMS, W. Y. *Digital libraries*. Cambridge: Mit, 2000.

BAX, M. P. Agentes de interface para bibliotecas digitais: a arquitetura SABiO. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 6., 1997, Águas de Lindóia. *Anais eletrônicos...Águas de Lindóia*: Univap, 1997.

BELISÁRIO, A. O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas. In: SILVA, Marcos (Org.). *Educação online*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 137-148.

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2002.

BERTAGNOLLI, S. et al. Bibliotecas digitais integradas a ambientes virtuais de aprendizagem. *CINTED/UFRGS*, v. 5, n. 2, dez. 2007. Disponível em <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/4cSilvia.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

BIRMINGHAM, W. An agent-based architecture for digital libraries. *D-Lib Magazine*, July 1995. Disponível em: <<http://www.cnri.reston.va.us/home/dlib/July95/07birmingham.html>> Acesso em: 3 jan. 2014.

CRESWELL, J.W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FISCARELLI, R. *Material didático: discursos e saberes*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2008.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

KENSKI, V. M. Avaliação e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais, a distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Org.). *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: Edufscar, 2010, p.59 -68.

KIPNIS, B. Educação superior a distância no Brasil: tendências e perspectivas. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). *Educação a distancia: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 209-214.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, I. F.; SOUZA, R. R. A concepção de biblioteca digital na literatura brasileira de periódicos em ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010. Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: Ancib, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/viewFile/501/294>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

LUCKESI, C. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. Integração e interoperabilidade no acesso a recursos informacionais eletrônicos em C&T: a proposta da biblioteca digital brasileira. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 24-33, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n3/7283.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

MASETTO, M. T. *Competências pedagógicas do professor universitário*. 2. ed. São Paulo:

Summus, 2012.

MAURI, T.; ONRUBIA, J. O professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competência. In: MONEREO, C.; COLL, C. (Org.). *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 118-135.

MEC. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Secretaria de Educação a Distância. *Referências para elaboração de material didático para EAD no ensino profissional e tecnológico*. Brasília, 2007. Disponível em:

<http://www.etecbrasil.mec.gov.br/gCon/recursos/upload/file/ref_materialdidatico.pdf>.

Acesso em: 26 set. 2013.

MILANESI, L. *O que é biblioteca*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MILL, D. Das inovações tecnológicas às inovações pedagógicas: considerações sobre o uso de tecnologias na educação a distância. In: _____; PIMENTEL, N. (Org.). *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: Edufscar, 2010, p. 43-57.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson, 2007.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2007.

MORIGI, V. J.; SOUTO, L. R. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. *ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=490&article=131&mode=pdf>> Acesso em: 13 dez. 2013.

OHIRA, M. L.; PRADO, N. C. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p.61-74, jan./abr. 2002.

PEREIRA, J.; PINTO, A. Avaliação de material didático em educação a distância sob o olhar discente. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Org.). **Educação a distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: Edufscar, 2010, p.105-115.

POSSOLLI, G.; CURY, P. Reflexões sobre a elaboração de materiais didáticos para a educação a distância no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2009 Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2558_1546.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2014

PRETI, O. Material didático impresso na EAD: experiências e lições apre(e)didadas. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Org.). *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: Edufscar, 2010, p.163-183.

RAMOS, K. *Reconfigurar a profissionalidade docente universitária: um olhar sobre as ações de atualização pedagógico–didática*. Porto: Universidade do Porto, 2010.

SCHLEMMER, E. Inovações? Tecnologias? na educação. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Org.). *Educação a distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: Edufscar, 2010, p. 69-88.